



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PARFOR -
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SIDNEIDE FURTUNATO DOS SANTOS

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO:
Escrita nas séries iniciais dos alunos do 1º Ano**

**GUARABIRA - PB
2015**

SIDNEIDE FURTUNATO DOS SANTOS

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO:
Escrita nas séries iniciais dos alunos do 1º Ano**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586p Santos, Sidneide Furtunato dos

Processo de alfabetização: escrita nas séries iniciais dos
alunos do 1º ano / Sidneide Furtunato dos Santos. –
Guarabira: UEPB, 2015.
27 p.

Monografia (Graduação em Pedagogia-PARFOR) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior”.

1. Processo de Aprendizagem. 2. Escrita. 3. Ensino.
I.Título.

22.ed. CDD 370

SIDNEIDE FURTUNATO DOS SANTOS

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO:
Escrita nas séries iniciais dos alunos do 1º ano**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

Aprovado em 08 de agosto de 2015.



Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior
(Orientador)



Prof. Ms. José Otávio da Silva
(Examinador)



Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Examinadora)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por sua infinita bondade nos permitindo alcançar objetivos importantes em nossas vidas.

Ao meu filho e meu marido, por terem me dado força para continuar seguindo em frente, e assim conseguir concluir este curso;

A minha querida mãe, por pedir a Deus para me ajudar nos momentos mais difíceis;

A todos os professores e colegas, os meus sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador, Prof. Ms. Azemar dos S. Soares Junior, a quem quero agradecer por toda atenção e dedicação que teve comigo, na conclusão deste trabalho. Toda a minha gratidão e meu muito obrigado

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus que tem me abençoado e me dado força e confiança para vencer todas as dificuldades, tenho certeza de sua presença em todos os momentos.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as dificuldades da escrita apresentadas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos das séries iniciais do 1º Ano da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Francisca Leite Braga, localizada na cidade de Belém – PB. Através dele venho observar o desenvolvimento das crianças com a linguagem escrita. Nesse sentido, este trabalho mostra-se necessário para suprir as necessidades das crianças, levando em conta o domínio da escrita, tendo como referenciais teóricos os autores Becker, Carvalho, Elias e Ferreiro.

Palavras-Chave: Processo. Escrita; Séries iniciais.

Abstract

This work aims at analyzing, writing the difficulties presented in the teaching process student learning of initial series in the 1st year of the Municipal School Children's teaching and Fundamental Francisca Milk Braga, located in Bethlehem - PB, and through analyzing the development of children with written language. In this sense, this work shows is necessary to meet the needs of children, taking into account the mastery of writing, with the theoretical framework the authors Becker, Carvalho, Elias, Blacksmith.

Keywords: Process; Writing; Early grades.

Sumário

Resumo	
Abstract	
INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo I – O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	12
1.1 Escrita nas Séries Iniciais No 1º Ano.....	12
1.2 Pensando-se aprende a ler e a escrever.....	16
1.3 Concepção que as crianças fazem da escrita.....	18
1.4 O trabalho com a escrita	19
CAPÍTULO II – ÁREA DO ESTUDO.....	22
2.1 A escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Francisca Leite Braga.....	22
2.2. As professoras do 1º ano na Escola Francisca Leite Braga.....	23
2.3 Questionários.....	24
Conclusão.....	26
Referências Bibliográficas.....	27

Introdução

A escola hoje tem enfrentado ainda problemas que são seculares como a questão que envolve o processo de alfabetização: ler e escrever. Sabemos que de acordo com a nossa história da educação, desde o século XVI, com a chegada dos jesuítas e o início do processo de alfabetização, defrontamo-nos com uma educação elitista, onde a alfabetização era privilégio de pouquíssimas pessoas.

Embora os anos tenham passado - ou séculos - vivenciamos a saída do cenário educativo dos padres jesuítas e logo depois a implantação da reforma Pombalina. Todo esse processo foi dando espaço para que a coroa chegasse aqui no Brasil com o mesmo sentimento de educar os seus filhos, menosprezando as camadas populares e os escravos.

Inicialmente o processo de ensinar as primeiras letras, ou seja, “ler e escrever”, era a tarefa principal do educador. Esse processo é desafiante para todos os educadores que assumem a sala de aula das séries iniciais, ou seja, a turma de alfabetização. A partir do momento em que a criança começa a ser alfabetizada, o professor precisa incentivar o gosto pela leitura porque ela é a base da escrita, procurando desenvolver no aluno a leitura crítica, para que ele possa questionar e opinar sobre o conteúdo implícito e explícito do texto. Daí a importância do conhecimento e da intimidade que a criança deve ter com a leitura e a escrita, elementos que a ajudarão na busca do crescimento de sua aprendizagem.

A criança depara-se com as letras, tanto fora, no mundo que cerca o seu cotidiano, após os muros da escola, como dentro do próprio ambiente escolar, em sala de aula e nos outros espaços físicos da escola. Cabe ao professor e à própria família incentivar essa criança a gostar e acostumar-se com o hábito da leitura, possibilitando-lhe todas as condições necessárias para que ela encontre um ambiente propício ao hábito da leitura. A criança que lê e tem contato com a leitura desse cedo, tem maior possibilidade de desenvolver diversos sentidos, como aprender melhor, apreender a pronúncia correta das palavras e se comunicar bem, além da facilidade que deve encontrar para escrever e emitir assim suas próprias opiniões. Através da

leitura a criança ainda adquire cultura, a partir do momento em que se depara com obras que devem ser, a princípio, selecionadas pelo próprio professor, fazendo com que se desenvolvam sua criatividade, imaginação e um conhecimento de valores.

A criança recebe informações dentro, mas também fora da escola, e essa informação extra-classe se parece a informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar. Por trás das discussões sobre a ordem de apresentação das letras e das sequências de letras reaparece a concepção da escrita como técnica de transcrição de sons, mas também algo mais sério e carregado de consequências: a transformação da escrita em um objeto escolar e, por consequência, a conversão do professor no único informante autorizado.

A transformação destas práticas é que é realmente difícil, já que obriga a redefinir o papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora da sala de aula. Para mim, como docente, esse fenômeno já vem sendo observado e é de meu interesse a efetivação dessas práticas. Tudo que se precisa fazer é pô-las em prática e ir disseminando a questão no meio educacional para que se tenha um melhor entendimento acerca do que se é proposto para aplicação em sala de aula.

A escolha desta temática foi decorrida da vivência em sala de aula através das observações feitas no ambiente escolar do 1º Ano da Escola Francisca Leite Braga, e tem como objetivo apresentar as dificuldades dos nossos alunos a respeito da assimilação dos trabalhos com leitura e escrita.

É preciso que o compromisso seja colocado em prática, bem como orientar a busca de fontes que pressupõem a análise e oferecer informações específicas sempre que forem necessárias. Portanto, é de grande importância que os professores estejam sempre buscando capacitar-se, uma vez que a sociedade está sempre em transformação, quer seja pelo avanço tecnológico ou pelo desenvolvimento humano. Dessa forma, atualizando-se e mantendo-se capacitado, o professor estará aprimorando suas estratégias, e assim contribuindo para que possa atender melhor às necessidades dos seus alunos, ajudando também na formação do indivíduo como cidadão, inserindo-o no contexto de uma sociedade que cobra cada vez mais do indivíduo em relação às suas capacidades intelectuais.

O presente estudo é uma pesquisa de natureza qualitativa onde, inicialmente, fizemos o levantamento das fontes bibliográficas que se deu na busca das opiniões dos estudiosos que discutem sobre este tema, para em seguida delimitarmos o espaço da observação docente e a aplicabilidade do instrumento da pesquisa. Dessa

forma seguimos com as análises para pudéssemos detectar as dificuldades dos alunos das séries iniciais no 1º Ano da Escola Francisca Leite Braga.

As crianças no 1º Ano devem ser inseridas no processo de ensino-aprendizagem em função da dificuldade que elas apresentam com a escrita. Existe essa necessidade porque nenhuma prática pedagógica é neutra, todas estão apoiadas, de certo modo, em conceber o processo de aprendizagem.

Como professora da Escola Francisca Leite Braga, localizada na cidade de Belém – PB, já leciono há 18 anos e conclui o magistério já faz algum tempo. A prática docente me foi muito importante e significativa, pois ela serviu como laboratório para que eu pudesse observar meu alunado e apropriar-me dessa experiência para poder pôr em prática as metodologias resultantes das análises ali feitas.

A escolha do meu tema tem como objetivo atender as dificuldades encontradas em nossos alunos no 1º Ano da Escola Francisca Leite Braga. No primeiro capítulo temos como objetivo a função de alfabetizar as crianças trabalhando sua leitura e escrita nas séries iniciais. O segundo capítulo relata a prática dos professores no 1º Ano da Escola Francisca Leite Braga e a forma como ela se efetiva dentro de sala de aula.

Pretendo com este trabalho contribuir de forma qualitativa para o processo de alfabetização na escola, emitindo as opiniões e os resultados para que haja uma reflexão crítica da atual situação do processo de leitura e escrita em sala de aula.

Capítulo I

O processo de alfabetização

1.1 Escrita nas Séries Iniciais No 1º Ano

Para efetivar-se o processo de alfabetização e fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever, é preciso pensar sobre a escrita e como ela representa graficamente a linguagem. Algumas situações didáticas favorecem especialmente a análise e a reflexão sobre o sistema alfabético de escrita e a correspondência fonográfica. São atividades que exigem uma atenção à análise tanto quantitativa como qualitativa da correspondência entre segmentos falados e escritos.

As crianças, desde cedo, pensam a respeito de muitos assuntos, tentando explicar e dar alguma ordem às coisas que veem no mundo. Quando elas se deparam com a escrita, por exemplo, pensam sobre suas regras, seu funcionamento, sua função. No esforço de compreender essa linguagem elas formulam hipóteses próprias, para assim começarem a entender a escrita.

Saber o nome das letras e o valor sonoro delas é um conhecimento importante ao aluno alfabetizado, mas não deve ser o único conhecimento necessário à compreensão da escrita. O professor precisa garantir ao aluno a alfabetização, ou seja, a habilidade de ler (decodificar) e escrever (codificar), além também do letramento e da habilidade de usar a escrita em suas mais diversas funções sociais.

A distinção entre esses dois conceitos estabelecidos por vários estudiosos do assunto é explicitada por Leal Albuquerque e Moraes. O primeiro termo, alfabetização, corresponde ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia

São situações privilegiadas de atividade epilingüística, em que, basicamente, o aluno precisa: ler, embora ainda não saiba ler; e escrever apesar de ainda não saber escrever. Em ambas é necessário que ele ponha em jogo tudo o que sabe sobre a escrita para poder realizá-las.

Reconhecendo o débito que todos temos com Emília Ferreiro, vale a pena lembrar algumas das conclusões de sua cuidadosa pesquisa sobre a pré-história da alfabetização (o estudo do que já “sabem” as crianças sobre a escrita no processo de escolarização). Onde até mesmo a evolução da escrita nas garatujas e grafismos

primitivos não se apresenta apenas como um puro jogo de faz de conta onde estariam ausentes quaisquer hipóteses inteligentes sobre a escrita. Um estudo extremamente cuidadoso desses antecedentes mostrou, ao contrário do que se imaginava, um certo tipo de “saber”, uma concepção determinada da escrita, diferente da concepção de um escrevente adulto, mas nem por isso irrelevante para o processo de alfabetização.

A alfabetização das crianças das classes populares é um tema de debate que extrapola o campo da pedagogia e ganha cada vez mais interlocutores preocupados e atentos, oriundos de diferentes campos de atuação como o da sociologia, da economia, da psicologia e da política. Todos esses profissionais se voltam para a discussão de uma mesma questão: Por que a escola não alfabetiza direito essas crianças?

O questionamento desses interlocutores, muitas vezes como gestores da educação, retorna a questões históricas e nos obriga a buscar compreender um paradigma existente no campo da educação e que já foi objeto de análises e críticas profundas a serem refletidas.

Um desses paradigmas resistente ao tempo e muito bem sintetizado por Comenius, um Pedagogo, em sua didática Magna, é o de “ensinar tudo a todos”. Esse paradigma mostra sua força histórica quando continua se fazendo presente nos projetos, dos mais liberais aos mais progressistas, definidos para a educação brasileira.

O Brasil fez muitas mudanças legislativas em busca da alfabetização das crianças, na última década. Em 2006 antecipou de 7 para 6 anos a entrada dos alunos no Ensino Fundamental, por alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que ampliou o tempo total da etapa de 8 para 9 anos. Em 2007 estabeleceu em decreto os 8 anos como idade-limite para que todos estejam alfabetizados.

A meta foi detalhada no pacto nacional pela alfabetização na idade certa (PNAIC), em 2012, e retificada com o prazo de uma década para alcançar o objetivo no Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado em 2014.

Para Magda Soares (2014, p.16), professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), referência no assunto, a escolha da idade de ingresso no ensino fundamental é principalmente uma decisão política. “Tanto é assim que a entrada na etapa foi no Brasil aos 7 anos, durante décadas. Quando houve possibilidade econômica, foi mudado. Assim como, nos anos 70, foi ampliado o tempo

total de 4 para 8 anos”, explica ela. E mais, ainda defende que a alfabetização é um ciclo contínuo que começa no contexto familiar e na educação infantil e se dá conforme o desenvolvimento de cada criança.

Por isso, é preciso oferecer ferramentas diversificadas, respeitar os ritmos discrepantes e tomar ainda mais cuidado para evitar ambientes rígidos diante de alunos tão novos. Uma decisão com base em amadurecimento seria impossível. Então parece ser uma questão de ter de marcar em algum ponto no início do ciclo.

A secretária nacional da educação básica, Maria Beatriz Luce (2014, p. 16), afirma que a estrutura curricular que coloca o estudante de 6 anos no Ensino Fundamental considera os diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais e busca garantir oferta equitativa de aprendizagem. Ela diz ainda que “a tarefa básica do ciclo de alfabetização é ampliar o universo de referências culturais das crianças, bem como contribuir para suas práticas de letramento”.

Para a pesquisadora responsável pelo grupo alfabetização, leitura e escrita, da Universidade de Campinas (UNICAMP), Heloísa Andréia de Matos Lins, aos 6 anos muitas crianças estão prontas para ingressar no mundo do conhecimento científico, que inclui a alfabetização. “Do ponto de vista do desenvolvimento infantil, principalmente os que recebem mediações de qualidade, têm condições de se apreciar de competências não espontâneas”, assegura ainda Lins. Ela faz, no entanto, uma ressalva sobre a forma como as informações serão apresentadas. “A proposta tem de se relacionar com desejos próprios da idade. Os adultos não podem ser colonizadores que impõem sua cultura sobre a dos alunos”, explica Lins, (2014, p. 17).

Bernadete Gatti, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e consultora da UNESCO e outros organismos internacionais, é mais enfática em relação à importância dos 6 anos no contexto da alfabetização: “É a fase mais rica para a criança aprender a língua escrita e a relação dela com a fala. Um período em que o enorme potencial de desenvolvimento encontra-se com uma maturidade mínima. Um momento que precisa ser bem aproveitado”, descreve.

Antes disso, afirma Bernadete, a criança deve receber estímulos com leituras e brincadeiras que constituirão suas sinapses e serão base para o aprendizado futuro, mas é cedo para expor processos organizados para a alfabetização. “Não é porque copia ou memoriza letras que está sendo alfabetizada. Essa pressa é do mundo metropolitano, onde você tem uma classe média que briga para manter o seu espaço

e quer que o filho aprenda o quanto antes. Muitas vezes já visando a faculdade, o emprego, a renda. Tem de ter respeito aos processos cognitivos e afetivos”, defende.

Ela explica que a antecipação pode causar danos no futuro a quem não teve oportunidade de construir o conhecimento. “São alunos que irão bem no começo, mas, quando chegam aos 12 anos começam a ter dificuldade de interpretação de texto. Não apresse o rio, ele vai ter seu curso natural bem bonito” compara, acrescentando exemplos internacionais.

“Canadá, França, Suíça e Espanha estão entre os que iniciam a alfabetização nessa idade e por um ciclo de três anos. A sensibilidade dos países que já estruturaram isso há muito tempo deve ser observada”.

Tão fortes são os apelos que o mundo letrado exerce sobre as pessoas, que já não lhes basta a capacidade de desenhar letras ou decifrar o código da leitura. Seguindo a mesma trajetória dos países desenvolvidos, o final do século XX impôs a praticamente todos os povos a exigência da língua escrita não mais como meta de conhecimento desejável, mas como verdadeira condição para sobrevivência e a conquista da cidadania.

Estudos em diferentes línguas têm mostrado que, de uma correspondência inicial pouco diferenciada, o alfabetizando progride em direção a um procedimento de análise que passa a fazer corresponder recortes do falado a recortes do escrito. Essa correspondência passa por um momento silábico em que, ainda que nem sempre com consistência, chega a compreender o que realmente cada letra representa.

Nas atividades de escrita aqui referidas, o aluno que ainda não sabe escrever convencionalmente precisa esforçar-se para construir procedimentos de análise e encontrar formas de representar graficamente aquilo que se propõe escrever. É por isso que esta é uma boa atividade de alfabetização: havendo informação disponível e espaço para reflexão sobre o sistema de escrita, os alunos constroem os procedimentos de análise necessários para que a alfabetização se realize.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita, a alfabetização; e pelo desenvolvimento de habilidades de uso de escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (SOARES, 2004, p.14)

1.2 Pensando-se aprende a ler e a escrever

As propostas de escrita e leitura foram planejadas para mostrar aos professores que para se alfabetizar é necessário que a criança pense, reflita, raciocine, erre para poder acertar, estabeleça relações, faça deduções ainda que nem sempre corretas. Que erros como pensar que se escreve uma letra para cada sílaba são erros construtivos, isso é, erros necessários à construção do conhecimento da escrita.

A escola considera evidente que a escrita é “um sistema de signos que expressam sons individuais da fala” (GELB, 1976, p. 53) e supõe que também para a criança isso seja dado *a priori*. Mas não é. No início do processo toda criança supõe que a escrita é uma outra forma de desenhar as coisas.

Hoje sabemos que, para adquirir conhecimentos, não basta ouvir. Na verdade, as crianças pensam e refletem a partir do que já conhecem, desde os diferentes materiais de leitura com o intuito de saber para que eles servem e tentar descobrir o que neles está escrito.

É por isso que o trabalho com a linguagem escrita é de extrema importância na Educação Infantil. Não se trata de preparar as crianças para a 1ª série, mas sim de oferecer-lhes a leitura e a escrita. As crianças pequenas sempre podem e querem muito. Mas o que fazer se não há adultos informantes nem irmãos que possam ajudar, nem classes multisseriadas?

Nesses casos, o papel de ensinar a ler e escrever cabe somente à escola, mais especificamente ao professor. Ao iniciar o ano, é fundamental fazer uma sondagem, um diagnóstico dos conhecimentos dos alunos. É indispensável entender como eles elaboram hipóteses a respeito da escrita e da leitura, para organizar um trabalho que lhes coloquem bons desafios.

As crianças podem aprender muito sobre a escrita, tanto dentro quanto fora da escola, mas para isso, a condição é acreditar que todos podem aprender e valorizar o que já sabem, em vez de enfatizar, o tempo todo, aquilo que ainda não aprenderam. O desafio pedagógico, como sempre, está na articulação entre o difícil e o possível de ser realizado pelos alunos.

A escrita também é um objeto simbólico, um significante que mantém relações muito estreitas com o desenho e com a linguagem, embora não seja transcrição desta nem derivada daquele. Ao ler as imagens, vemos que elas estão distribuídas de forma

diferenciada pelas páginas que a compõem, acompanhadas ou não por ilustrações (desenhos, fotografias, gráficos) e estão impressos em diferentes tipos de letras.

As crianças também se deparam, durante o período, com outros textos que não estão no livro didático: jornais, panfletos, cartazes, cartas, folhetos, livros de história, enciclopédia, etc. São elementos novos que podem contribuir para a organização do trabalho em sala de aula, desenvolver leitores comprometidos e capazes de ampliar para si os significados traduzidos em linguagem escrita.

Um fato observado por Emília Ferreiro durante suas pesquisas sobre as hipóteses das crianças com respeito à escola, quando está viesse acompanhada de imagem, e que lhe causou preocupação, foi como concilia-los em função da imagem e a realidade das propriedades do texto.

Ferreiro afirma que o interesse pela escrita não começa quando a criança atinge determinada idade cronológica, e é possível que essa preocupação comece muito antes, em função dos sujeitos e das condições ambientais.

O educador precisa ter claro que a criança primeiro aprende a escrever para só depois dominar a ortografia. As incorreções que ela comete, portanto, não significam que não tenha aprendido. É preciso compreender as causas do erro podem levá-la a superá-lo com base em um trabalho de conhecimento da forma ortográfica correta.

Precisa sobretudo conhecer o momento do processo de compreensão da língua escrita em que está a criança e resgatar com ela esse objeto de conhecimento, colocando-o a sua disposição para que por meio de experiências significativas, ela possa interagir e compreender seus significativos, e assim ela possa interagir com os símbolos gráficos e compreender seus significados e usos.

A vida do homem, principalmente nos últimos dois séculos, está marcada por documentos escritos, aos quais a leitura está intimamente associada. Cabe à escola estabelecer relações entre leitura e escrita, e criança e adulto, aprofundando e ampliando o domínio dos níveis de leitura e escrita, bem como orientar a escolha dos materiais de leitura.

O professor só pode trabalhar se os alunos e seus desejos estiverem presentes, assim como o prazer de ler a significação das coisas e o universo que move o ensino aprendizagem. Isso mostra a importância que se tem em conhecer o nível do desenvolvimento de cada aluno para poder orientar sua aprendizagem, uma vez que a psicogênese é evolucionista ou um ramo do evolucionismo.

Categorias em estruturas mentais surgem e se desenvolvem durante a vida do indivíduo. Cada desenvolvimento corresponde a uma possibilidade de aprendizagem nova, embora apoiada nas já existentes. Essas aprendizagens são o ponto de partida para a conclusão de um ciclo de desenvolvimento ou amadurecimento das estruturas mentais.

De acordo com os PCNs de língua portuguesa, o ensino de ortografia deveria ser organizado de maneira que favorece:

1) A inferência dos princípios de geração da escrita convencional, a partir da explicitação das regularidades do sistema ortográfico (isso é possível utilizando como ponto de partida a exploração ativa e a observação dessas regularidades: é preciso fazer com que os alunos explicitem suas suposições de como se escrevem as palavras, reflitam sobre possíveis alternativas de grafia, comparem com a escrita convencional e tomem progressivamente consciência do funcionamento da ortografia); 2) A tomada de consciência de que existem palavras cuja ortografia não é definida por regras e exigem, portanto, a consulta a de fontes autorizadas e o esforço de memorização (1994, p. 11).

É importante que a criança tenha conhecimento do que está escrevendo, no entanto sem medo de errar. No momento que a criança vai conhecendo a escrita, ela vai também se adaptando a ela, e aperfeiçoando-se, assim vai tornando-se cada vez mais fácil aprender-se com a escrita.

1.3 Concepção que as crianças fazem da escrita

Os alunos do 1º Ano trazem à escola diferentes motivações para a alfabetização. Seria importante conhecê-los, pelas razões que nos oferece Emília ferreiro, a partir fo caráter intencional e intersujeito do processo pedagógico em que conviveríamos, os alunos e eu. Para conhecer-nos melhor, devíamos compartilhar seus pré-conceitos e preconceitos.

De acordo com Jacqueline Peixoto Barbosa, docente de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PVC – SP) “a gramática precisa estar a serviço das práticas de linguagens e adquirir esse conhecimento leva tempo os alunos”

Conforme eles apreendem os conceitos que regem o funcionamento da língua, vão se tornando mais críticos e conscientes das estratégias que possuem para compreender a leitura e se fazer entender por meio da escrita.

1.4 O trabalho com a escrita

No que se refere às atividades em torno da escrita, ainda se pode constatar um processo de aquisição da escrita que ignora a interferência decisiva do sujeito aprendiz, na construção e na testagem de suas hipóteses de representação gráfica da língua. A prática de uma escrita mecânica e periférica centrada, inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia.

A prática de uma escrita artificial e reflexiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda de formar frases, faz-se de muita importância no processo de ensino-aprendizagem. Tais palavras e frases isoladas desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vogais no sentido e nas intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer.

Além do mais, esses exercícios de formar frases soltas afastam os alunos daquilo que eles fazem, naturalmente, quando interagem com os outros, que é “construir jogos inteiros” ou seja, textos com unidade, com começo, meio e fim, para expressar sentidos e emoções. Parece incrível, mas é na escola que as pessoas “exercitam” a linguagem ao contrário, ou seja, a linguagem que não diz nada.

Nessa linguagem vazia, os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que se diz é reduzido a uma sequência de frases desligadas umas das outras. Sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão e sem responder a qualquer tipo particular de contexto social.

Como metodologia ainda temos a prática de uma escrita sem função destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para exercitar) uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do tudo.

Temos ainda a prática de uma escrita que se limita a oportunidades de exercitar aspectos não relevantes de língua, nessa altura do processo de apreensão da escrita, como, por exemplo, a fixação nos exercícios de separação de sílabas, de reconhecimento de dígrafos, encontros vocálicos e consonantais e outros inteiramente adiáveis;

A prática, enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa “o que se diga” e o “como se faz” (é a língua da escola como observou um menino sabido!).

Diante das dificuldades, dos alunos nas séries iniciais, da Escola Francisca Leite Braga, existe uma preocupação em sanar as dificuldades da escrita dos alunos do 1º Ano.

Vemos que hoje a enorme dificuldade que os professores encontram está no trabalho de verificar-se o que os alunos já sabem e o que não sabem. Há alunos que produzem escritas silábico-alfabéticas e alfabéticas na 1ª série, no início do Ano, e que poderiam, perfeitamente, acompanhar uma 2ª série, pois já conseguem ler e escrever, ainda que com precariedade. Infelizmente, eles ficam retidos porque a professora usou como condição de avaliação os indicadores que se basearam numa “letra bonita” ou “caderno bem feito”.

Quando o professor trabalha com esse tipo de indicador, até mesmo os avanços da/na aprendizagem acabam prejudicando o aluno. Muitos alunos têm diversas dificuldades para se um texto e a tarefa de classe é um instrumento onde se pode aprender escrevendo e produzindo, errando e acertando - a linguagem se aprende pelo próprio uso.

Atualmente falta incentivo por parte dos pais e muitas vezes por parte dos professores. Contudo, a falta de políticas públicas nas instituições de ensino ainda pode ocasionar tais dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, quando o aluno aprende a ler, é comum que ele comece a “errar” na cópia, isto é, deixa de copiar letra por letra e começar a ler e a escrever grandes blocos de palavras, em geral, unidade de sentido, o que faz com que cometa erros de ortografia ou escreva palavras agrupadas.

Tal fato acaba sendo interpretado como regressão entre cópias e escrever na nossa cultura. A produção de multirrepententes em massa decorre da visão de que o aluno é sempre responsável por sua aprendizagem. Desse modo, foi importante se trabalhar um projeto de escrita para promover e auxiliar o desenvolvimento de habilidades de escrita.

As crianças do 1º Ano estão prejudicadas no processo de ensino aprendizagem em função da dificuldade com a grafia. Devem-se analisar as dificuldades que essas crianças apresentam no processo de ensino aprendizagem da grafia.

É necessário executar a proposta pedagógica para contribuir no domínio da leitura e na produção de texto escrito, considerando a língua em sua constituição (introdução, desenvolvimento e conclusão).

“Não basta saber ler que *Eva viu a uva*. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalhou para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (PAULO FREIRE, in educação na cidade, 1991).

Ao contrário do que educador e criança esperam quando esta inicia sua escolaridade, o aprendizado da escrita requer tempo, paciência e maturidade. Para isso, é preciso criar situações em que os alunos possam colocar em jogo aquilo que sabem, expor suas elaborações sobre a linguagem escrita, discutir sua produção com outros colegas, sentir a necessidade de melhorá-la.

Capítulo II

Área do Estudo

2.1 A escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Francisca Leite Braga

A instituição está localizada na Rua Abdias Machado, S/N, na cidade de Belém – PB. Teve sua fundação no ano de 1994 e sua denominação deu-se em homenagem à mãe do governador da época, o senhor Wilson Leite Braga. O nível socioeconômico dos alunos que frequentam a escola é de classe baixa.

As modalidades ofertadas são: educação infantil, que vem proporcionar o desenvolvimento cognitivo das crianças; ensino fundamental, que busca desenvolver no indivíduo a capacidade de raciocínio lógico e atuante na sociedade que estão inseridos; educação de Jovens e Adultos (EJA) e aluno do programa Mais Educação.

A referida escola atende, hoje, 431 alunos e tem como gestor o senhor Didiê Oliveira da Costa. A escola tem um ambiente de qualidade para o desenvolvimento integral dos alunos matriculados naquela instituição, disponibilizando de vários profissionais de qualidade.

A escola apresenta as linhas do construtivismo e também as de competência tradicionalista, onde o próprio aluno é autor de seu conhecimento, sendo capaz de indagar, compreender e ter uma atitude própria decorrente de seu aprendizado, perante a sociedade.

Os professores atuam nas seguintes disciplinas curriculares: língua portuguesa, matemática, ciência, história, geografia, educação artística, ensino religioso e educação física.

Foi observado ainda que todas as salas de aula estão em boa qualidade, apresentando um lugar limpo, agradável e bem ventilado, proporcionando um melhor aprendizado para os alunos da instituição.

As salas administrativas são distribuídas da seguinte forma: 01 secretária, 02 salas de aula, 01 biblioteca e banheiros adaptados para alunos com necessidades especiais.

Os recursos didáticos provêm do programa PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) como também os materiais de limpeza, sendo que a escola está sempre bastante equipada, na medida do possível, em termos de material pedagógico.

2.2. As professoras do 1º Ano na Escola Francisca Leite Braga

As professoras demonstram muita afetividade com os discentes, possuindo sempre um diálogo harmonioso com os mesmos, obtendo em troca atenção e respeito.

As professoras do 1º Ano questionam os motivos que dificultam a aprendizagem e incentivam os alunos, fazendo com que os mesmos tenham prazer em estar no ambiente escolar, onde não é cobrado apenas o fato de apreender conteúdos, mas também a possibilidade de serem respeitados e amados.

Percebe-se que os docentes estão em sintonia com seus alunos e não apenas passando conteúdos de forma mecânica, mas criando uma relação didática através da bagagem que o discente já possui, dando a eles a oportunidade de descobrir e aprenderem. Cunha (2008, p.51) diz que em qualquer das circunstâncias, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é meio facilitador para a efetivação da educação.

Nas aulas das turmas do 1º Ano existem comunicação e participação e no decorrer das aulas as professoras procuram atender a todos os alunos. Quando há dificuldades na realização das atividades, os docentes sempre procuram incentivar seu alunado para que eles consigam ter um acompanhamento preciso. O professor senta-se com o aluno e auxilia-o com muita paciência, estimulando-o a pensar e demonstrando carinho por todos eles.

Cabe às professoras do 1º Ano, que dirigem as atividades, escolherem os textos a serem escritos e definirem os parceiros, em função do que sabem acerca do conhecimento que cada aluno tem sobre a escrita. Orientam ainda na busca de fontes de consultas, colocando questões que apoiem as análises e oferecerem informações específicas sempre que necessário.

Portanto, faz-se necessária a importância de se escolherem profissionais capacitados que possam desenvolver atividades onde se trabalhem no aluno as suas necessidades em relação ao bom desempenho da escrita. Mesmo levando-se em

conta que o domínio da ortografia pode ser lento ou demorado, sabe-se que com a ajuda de um bom profissional e o auxílio de textos diversificado, teremos grandes chances de obter êxitos em tempos mais rápidos.

Percebe--se que os professores do 1º Ano têm muitos desafios, porém, os mesmos devem, diariamente, buscar meios que favoreçam a aprendizagem do educando, capacitando-se e aprimorando sua maneira de lidar com as dificuldades encontradas em sala de aula.

Precisamos acreditar numa educação que favoreça a idealização de uma melhor qualidade de vida para a sociedade que estamos formando. E ainda que, enquanto educadores, devemos trabalhar com amor e com um espírito solidário que vise uma melhor expectativa de vida para todos os nossos alunos.

2.3 Questionários

Foi feito um questionário às professoras do 1º Ano para saber quais as dificuldades encontradas em sala de aula.

No 1º Ano das séries iniciais da escola municipal Francisca Leite Braga, a professora Maria da Daluz Santos Lima, com 23 alunos em sala de aula, relatou que sua maior dificuldade é que os alunos vêm de uma educação infantil, onde percebe-se, muitas vezes, que o valor dado ao ato de brincar é bem maior que o de apreender os conhecimentos básicos de leitura e escrita.

As dificuldades na escrita, por parte dos alunos do 1º Ano, tentam ser sanadas através da melhor forma de expressão encontrada para um melhor entendimento acerca do conteúdo aplicado: o desenho. A bagagem de leitura e escrita advinda da educação infantil é muito pouca e isso faz com que seja necessário trabalhar-se novamente a base do conhecimento necessário para que os alunos possam ler e escrever.

A escola está contribuindo com os trabalhos dos professores do 1º Ano e, diante das dificuldades da escola, posso dizer que sim, temos meios para combatermos essa deficiência, basta que saibamos selecionar e aplica-los em sala de aula.

A professora do 1º Ano, Girlene Lira de Freitas, com uma sala de aula que apresenta o número de 23 alunos; relata que a dificuldade encontrada na prática da

escrita de seus alunos encontra-se na falta de material que funcione como suporte, como cartilhas individuais, livros adequados para faixa etária e ainda a falta de disponibilidade dos pais, elementos importantes para que se possam obter bons resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Umas das dificuldades que os alunos apresentam no ato de se expressar através da escrita é a insegurança no ato de escrever, fator primordial para o seu fracasso escolar. Essa dificuldade é muito bem representada pela falta do hábito da leitura, e dessa forma faz-se de suma importância incentivar e selecionar os devidos livros e acompanhar esse processo, formando assim, bons leitores e, conseqüentemente, excelentes escritores.

A escola vem ajudando, dando os suportes necessários para que os professores possam desenvolver melhor o seu trabalho e contribuam no avanço da escrita de seus alunos. A professora diz que acredita na criatividade dos seus alunos e acredita que todo o seu esforço será válido.

Como professora, valorizo e defendo que aprender a ler e a escrever é um direito de todo e qualquer cidadão.

CONCLUSÃO

A proposta pedagógica apresentada neste trabalho propõe que o aluno busque, através do conhecimento da escrita e da leitura, alcançar os objetivos propostos pelo professor, e interpretando os questionamentos instigados em sala de aula, no processo de construção do campo bibliográfico. Sendo assim os educandos terão a possibilidade de aprimorarem seus conhecimentos, e tornarem-se capacitados, efetivando os conhecimentos adquiridos acerca da escrita e da leitura.

A escola desafia as crianças a pensarem sobre sua escrita e seu pensamento crítico. Numa das contribuições fundamentais dos estudos apresentados, encontra-se a verificação de que os resultados desses estudos comprovam que o sucesso no desempenho escolar deriva do valor socialmente atribuído à palavra escrita e aos usos das modalidades linguísticas em diferentes comunidades, visto que na escola há a predominância de um modelo.

Pode-se concluir que numa reflexão mais apropriada acerca do que se diz a respeito do conhecimento e do uso da palavra escrita, observa-se que a escola deve focalizar seus objetivos também na organização social: não se pode acreditar que um indivíduo está à parte dos processos sócio-históricos culturais ao longo de sua socialização.

Referências Bibliográficas

Parâmetros em ação alfabetização – Alfabetização – Ministério da Educação

BECKER, F. Da ação à operação: O caminho de aprendizagem. J. Piaget e P. Freire. São Paulo. 1983.

Tese (doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. De Emílio a Emilia. A trajetória da Alfabetização. São Paulo: Scipione, 2000.

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: vozes, 2005.

Livro do Pró-letramento, Fascículo 7, modos de falar, modos de escrever. Márcia Elizabeth, Bartone a Stella Moris Bortone – Ricardo Os Lens língua portuguesa Almeida, N. M. Paulo: Saraíba 1994.

Revistas Escola “A tecnologia que ajuda a ensinar” “A origem da vida”